

**PRODUÇÕES DE IMAGENS E IDENTIDADES NOS PROCESSOS EDUCATIVOS
NÃO FORMAIS ENTRE JOVENS E MULHERES DE COMUNIDADES
POPULARES**

Mauricio Antunes Tavares¹

Alexandro Silva de Jesus²

Nos bairros populares de Jaboatão do Guararapes, município vizinho à Cidade do Recife, capital de Pernambuco, durante quatro meses, jovens e mulheres que não teriam outra identidade comum senão a de moradores de comunidades populares e membros de categorias sociais identificadas por sua relação de dependência e subordinação ao Estado, – jovens beneficiários(as) do Programa Agente Jovem e mulheres Agentes Comunitárias de Saúde e parteiras tradicionais – tiveram acesso ao universo da fotografia, participando de uma ação educativa com o duplo objetivo: fazer deles(as) documentaristas de seu próprio cotidiano e de seus fazeres e, para a equipe de educadores e pesquisadores envolvidos na ação, aprender com eles os modos de fazer das políticas de saúde e de assistência social que utilizam de atores sociais locais para potencializar sua penetração nas comunidades.

Para se familiarizarem com parte do universo fotográfico, onde cada elemento se forma em sua relação com a luz e que faz de cada imagem um resultado da tensão entre técnica e sensibilidade, todos receberam máquinas e rolos de filmes que foram sendo consumidos em expedições organizadas com os educadores e em momentos solitários, onde experimentavam-se como fotógrafos do cotidiano. E depois de experimentarem-se como fotógrafos, já habituados com o uso da câmara escura, já críticos de sua própria arte, praticantes desse movimento de contemplação e reflexão sobre as fotos reveladas para voltar a fotografar, mas agora buscando um tema ou uma mirada pessoal, nesse momento em que sentimos que estavam buscando a fotografia documental fizemos, com cada um dos quatro grupos envolvidos, discussões coletivas, que foram gravadas e que serviram de base para a construção de textos para um livro-catálogo e publicações acadêmicas.

¹ Pesquisador Adjunto da Fundação Joaquim Nabuco e coordenador-geral do Museu do Homem do Nordeste (Cidade do Recife, Brasil).

² Professor Adjunto do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

O desafio das entrevistas era construir coletivamente significados às fotos produzidas pelos representantes de quatro comunidades e, mais que traduzi-las em palavras, compor um discurso onde imagens e palavras revelassem modos de vida e visões de mundo. As conexões entre as imagens capturadas e as palavras dos novos autores, fizeram emergir modos destes se relacionarem com a vida, a morte, a comunidade e o Estado, dentre outros aspectos.

O livro *Tratado sob sombra e réstias*³ contém parte dos registros desta experiência: textos que narram e analisam o material coletado nas entrevistas junto com as fotografias produzidas por esses “fotógrafos populares”.

Em muitas falas dos entrevistados, as expressões dos desejos de reconhecimento social revelam que o sentido deste reconhecimento carregue consigo, simultaneamente, elementos objetivos e subjetivos, já que indissociáveis para esses cujas identidades são duplamente marcadas: pela pobreza e pelas imagens expedidas pela parte da sociedade onde figuram as pessoas cultas e as “bem sucedidas”. Daí o porquê de imagens e palavras ser apresentadas como armas de combate contra as estereotipias.

Assim, a melhor forma de apreciar as imagens produzidas é relacioná-las às funções que seus autores lhes emprestaram.

Função produtora

As imagens servem de suporte para a produção de identidades de modos vários. Para os jovens de Muribeca dos Guararapes, uma comunidade situada nas margens da metrópole, onde muitos moradores vivem do corte da cana-de-açúcar e da produção de mandioca, as imagens evocavam auto-afirmações nos seguintes termos: a) afirmativo: “somos matutos que pensamos mais longe”; b) por discriminação: “a diferença do matuto de antigamente, do tempo dos meus pais, [...] que tá bitolado na enxada...”; c) através de certa atitude diante da realidade: “o mundo vai girar e você tem que acompanhar o mundo”; d) pelo tipo de cálculo que mede as coisas – para eles, os patrimônios culturais da comunidade valem tanto como

³ Autores: Luiz Santos [org.], textos Mauricio Antunes Tavares e Alexandro Silva de Jesus (Alex Xavier), fotografias de diversos autores das comunidades de Barra de Jangada, Muribeca dos Guararapes, Pacheco e Prazeres. Este artigo é uma recriação feita pelos próprios autores dos textos publicados no livro.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

memória do passado e, simultaneamente, como oportunidades de negócios para um futuro que se aproxima..

A referência a “nós” e “eles” também é uma forma de reivindicar uma identidade inventada para si. “Nós” as parteiras, as agentes comunitárias de saúde, e “Eles” os médicos e enfermeiras. O “Nós” indicativo de uma identidade pode substituir o “Nós” do pertencimento a uma comunidade justamente nos momentos em que a unidade que expressaria a segurança da comunidade revela-se frágil (BAUMAN, 2003 e 2005).

O “Nós” dos jovens, em oposição à “Eles”, os adultos, é a tentativa de parecer diferente, de ser singular e, por isto mesmo, mostrar-se agora um ser mais autônomo, em oposição ao estado de menoridade anterior, indicativo de uma situação de tutela. Mas o “nós”, aqui, corta mais fundo. Além de marcar a mudança de status civil, o “nós” evidencia a produção de uma identidade pela ruptura, pela diferenciação.

Mas as imagens também produzem *apelos éticos*. A produção aqui concentra-se em parir novos olhares e relacioná-los as práticas sociais. O que credencia alguém a capturar a imagem de pessoas de sua própria comunidade? O que uma imagem deve denunciar? Em todo caso, uma produção muito perto da usina religiosa, pois a questão ética traduz em sua resposta uma experiência de conversão: fotografia “melhora a nossa filosofia de vida”; aprender fotografar permite dividir a experiência com a comunidade entre o “antes” (“a gente fala assim: o nosso bairro não tem nada, é tudo feio”) e o “depois” (“quando você entra no universo da fotografia você vê que há uma coisa bela ali”).

Função bélica

Enfatizar, como faz o jovem Marquinhos, em Muribeca, que o bairro não está se acabando através da guerra, não é negar a batalha (pois é de batalha que se vive a vida); trata-se apenas de deslocar o lugar onde ela acontece. Assim, as imagens lutam contra inimigos externos, a mídia em particular.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

A função combativa das imagens exige que observemos certas fotos sempre deslocando o foco: nas fotos de crianças passa-se da criatividade da posição (escolha do modelo, direção) para o uso sensível da técnica (captura dos interstícios onde se encontram luz e sombra), indo logo em seguida para o lugar onde elas estão – nas ruas, muitas vezes de calcinhas e cuecas apenas, quase sempre bastante à vontade. A partir daí já se entrevê sua função: os corpos saudáveis, ágeis, corpos juntos a outros, explodindo de vida, que são os corpos das crianças se impõem ao corpo solitário, inerte e sem vida dos cadáveres que a imprensa se põe pacientemente a recolher. A partir da fotografia era possível combater a mídia num terreno comum: o da visibilidades.

Função tradutora

Tanto através das fotos como através das falas, muitos tentavam traduzir a vida na comunidade e, portanto, as suas próprias vidas, para nós, pessoas de fora, pesquisadores, no sentido de procurar transferir os sentidos "das intimidades de um tipo de vida para as metáforas de outro" (GEERTZ, 1997, p. 75).

O trabalho das agentes comunitárias de saúde – que formavam o grupo de fotografia de Prazeres – é fundamentalmente de tradução: elas têm o dever de levar práticas normatizadas e padronizadas pela medicina como ideais para todas as pessoas, indistintamente, e tenta levar para dentro do sistema de saúde as dificuldades que as pessoas têm para se adequar ao modelo médico instituído de cuidado de si.

Daí que os discursos dos entrevistados sugerem, num primeiro momento, uma distinção, uma demarcação clara do que divide “nós” e “eles” (HOGART, 1973).

Eis uma distinção narrada em primeira voz:

o que eu acho do médico (?), é que eles sabem da realidade, mas eles não convivem. Nós convivemos com essas pessoas e sabemos as dificuldades. E nós corre, vai e ajuda. Eles não! É isso: o paciente chega lá no consultório, se consulta, e ele não sabe o dia-a-dia daquela pessoa, não sabe onde mora, não quer nem saber... passou o exame, passou a medicação ali e *vai-t'embora*. (agente comunitária de saúde)

Função cartográfica

As imagens oferecem mapas das comunidades. Imagens/mapas que não cessam de se desdobrar: os caminhos evitam e anulam os cadáveres que sustentam parte da imprensa escrita e televisionada, mas permite a captura de outros níveis de violência, mas também de poéticas da vida cotidiana. Mapas do tempo. Tempo de trabalho: simultâneos, mais nervosos em certos lugares que em outros, mas certamente, diferente de um tempo de trabalho racional.

Dentro da casa, mas também na frente, em seus quintais ou no seu entorno, mulheres, adolescentes e meninas trabalham. Esse tempo, que comporta de quando em vez uma ida apressada a feira ou ao mercado, tropeça com o tempo sentado nas calçadas e que se demora com os homens da comunidade chegados a uma pinga, “não que eles não tenham trabalho [...] é apenas modo de vida”.

Uma economia do viver onde o tempo é dividido com critérios diferentes do tempo onde a otimização do trabalho rege todas as relações, demonstrando que é possível ter uma outra relação com o trabalho, de ser mais generoso com o corpo e suas necessidades.

Isso é bastante significativo levando-se em conta a lista de atributos espalhada na poesia de Deleuze e Guattari:

RIZOMA

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.

As imagens e o lado de fora

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Certamente temos dúvidas se *outsiders* é o termo que melhor adjectiva as juventudes reunidas no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) em Barra de Jangada. Mas certamente é um dos que oferece um número razoável de sentidos. Outsider, ou “os do lado de fora”, serve, primeiramente, para pontuar a relação das juventudes com a própria localidade: alguns chegam de Sovaco da Cobra, Lagoa das Garças, Jardim Piedade e das imediações da Lagoa Olho D’água — também conhecida como Lagoa do Náutico ou Lagoa das Garças —, localidades inseridas no município de Jaboatão dos Guararapes. Esses garotos e garotas estão do lado de fora, também, dos ônibus e dos sistemas alternativos; o deslocamento é feito em bikes e isso significa tanto uma redução de gastos quanto uma outra forma de se deslocar e consumir espaços. O caminho estriado próprio de um trânsito ordenado torna-se apenas uma das vias de deslocamento. Tem-se ainda: calçadas, vias, ruas e vielas do bairro, lugares impróprios, obstáculos. Estar do lado de fora, nestes primeiro e segundo sentidos, é movimento, improvisação, ação criativa e — por se dar em movimento — precária.

Um dos lados de fora do ritmo da produção e da própria produção moderna é a pesca artesanal. Hábeis em capturar movimentos e quase sempre fotografando em série os *outsiders* registraram o cotidiano dos pescadores, catadores de ostras, além do comércio local que absorve uma parte do que é pescado. Fizeram mais que isto: descreveram todo o processo que se desenvolve desde a preparação dos instrumentos de trabalho, até o destino final do peixe no mercado de Afogados. E isso numa seqüência de fotos capturadas quase todas em preto e branco. Essa mesma seqüência, fora das fotos, é colorida: a autora das imagens fotografou o seu itinerário, o cotidiano do seu trabalho. Estar do lado de fora é compor autorretratos.

Veza por outra as multiplicidades se dobram para terrenos próprios, em direção aos seus espaços de motivação. Atitude outsider: 1. não gostar de nenhuma foto que não tenha minha assinatura; 2. tomar e dar emprestado as fotos; 3. não deixar dúvidas sobre como me implico nesta ou naquela foto; 4. amar um outsider; 5. não reconhecer um outsider; 6. hostilizar; 8. afetar; 9. ser afetado.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Fazer um curso de fotografia é estar do lado de fora dos cursos de cabeleireira e de conserto de aparelhos eletrônicos. Nestes casos, se está mais próximo do mercado. Todo o resto, o “grande resto”, trata-se de reinventar a ordem das coisas.

Imagens contra as estereotipias

Segundo afirma Albuquerque Jr.:

o discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JR, 2001, p.20).

Em todos os grupos entrevistados, essas imagens os marcam tão fortemente que os discursos sobre as suas imagens revelavam as respostas às imagens a eles vinculadas e veiculadas. Sobre os jovens das periferias projetam-se imagens relacionadas com a violência, com a ociosidade (perigosa – para se diferenciar das ociosidades admitidas entre os burgueses e os artistas), enfim, com o que é imoral ou ilegal. Sobre agentes comunitárias de saúde e parteiras as imagens projetadas, as que elas revelaram ao elaborar seus discursos, remetem-nas ao lugar do inculto ou do arcaico, por não possuírem um saber científico, certificado pelas instituições de ensino, mesmo quando se admite a importância do papel que desempenham em suas comunidades.

Mas, seja no caso das parteiras e das agentes de saúde, grupos que buscam identificar-se, dentre outros modos, numa diferenciação entre suas práticas e a prática médica, ou no caso dos agentes jovens as voltas com as negativas de produção de suas identidades pelo Estado, ou ainda entre os jovens de Muribeca dos Guararapes, desfazendo, a cada fotografia e palavra, os estigmas colados a sua comunidade pelos *mass media*, percebe-se aquilo que Michel Foucault denominava, em meados da década de 1970 de insurreição dos saberes

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

menores, locais (FOUCAULT, 1999:11). Trata-se ali e aqui de uma indisposição contra os saberes hegemônicos e de pretensão totalizantes de natureza científica — evidente em nosso caso nos embates com o conhecimento médico — mas, de qualquer modo, capaz de ser operacionalizado por outras forças, como o Estado e a mídia.

As imagens construídas se revelam indissociáveis das condições concretas de existência e dos efeitos dessas condições sobre as comunidades pobres, um destes, as imagens que lhes são atribuídas socialmente, que os colocam, *a priori* e incondicionalmente, no lugar da “falta”: de educação, de higiene, de condições econômicas, sociais e culturais. Lugar simbolicamente desvalorizado e objetivamente relegado ao último plano na execução das políticas públicas. Por não vestirem esse capuz, é que produziram imagens que mostram “outras” comunidades dentro das suas comunidades: comunidades do lazer, da solidariedade, da vida prazerosa, da beleza.

Paz social ?

Nada nos obriga a analisar essas comunidades a partir de uma noção tradicional de contrato social. Na perspectiva contratualista, que informa tanto as noções jurídicas do século XVIII como também os pressupostos da teoria marxista, a emergência do Estado é apontada como fenômeno capaz de dirimir a disputa desenfreada dos indivíduos já que esse mesmo Estado torna-se responsável, através de seu aparelho jurídico e coercitivo, impor uma “paz civil”. Neste sentido, somente em situações extraordinárias e, ao menos em tese, quase sempre exteriores à sociedade que este Estado administra, a guerra, recurso último e indesejável, se torna necessária. Mesmo assim, a guerra como um estado patológico, deverá assegurar a continuidade das relações políticas. Daí o aforismo de Clausiwitz, qual seja, a guerra como política continuada por outros meios.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

As análises de Foucault em meados da década de setenta do século passado buscaram inverter esse aforismo. Nesta direção, existem ao menos três pressupostos que regem uma análise desta natureza. 1. as relações de força em nossa sociedade emergem na e pela guerra; 2. nossos sistemas e instituições políticas devem ser encarados como continuidades, prolongamentos da guerra; 3. no caso de uma decisão ou um resultado final para o estado de coisas em nossa sociedade, esse finalmente só seria alcançado pela guerra. Neste sentido, para Foucault a política deve ser entendida como a guerra continuada por outros meios. O que a política faz é administrar os resultados e efeitos de guerra.

Essa perspectiva não somente descentraliza a guerra; faz com que a guerra seja algo inerente a sociedade, faz com que esta exista pela guerra, que funcione em termos de uma política que é antes de tudo uma de suas performances. As conseqüências institucionais são marcadas: do ponto de vista jurídico, por exemplo, se opera uma substituição do binômio lei-ilegalidade por ilegalismos-lei. Foi Gilles Deleuze quem melhor destacou os ganhos teóricos de *Vigiar e Punir* nesta direção (1975). O que nos acostumamos chamar de lei tratar-se-ia, na verdade, da administração ou de uma economia dos ilegalismos, “permitindo uns, tornando-os possíveis ou inventando-os como privilégio da classe dominante, tolerando outros como compensação às classes dominadas, ou, mesmo, fazendo-os servir à classe dominante finalmente, proibindo, isolando e tomando outros como objeto, mas também como meio de dominação” (DELEUZE, 2005, p.39).

Seja como for, esse Estado se vê e se quer como um aparelho. E é contra essa aparelhagem do Estado que a máquina de guerra se permite funcionar, claro, com sua economia e agenda próprias de ilegalismos.

Encontramos no fluxo normal da vida desses comunitários, essa máquina que gira, produzindo seus efeitos. Vimos como essa produção de imagens pelos grupos comunitários foi inserida entre as suas estratégias de luta. Não uma estratégia puramente racional, previamente calculada. Estratégias não são apenas as ações puramente racionais, arquitetadas racionalmente para conquistar poder, mas são, sem deixar de ser um tanto racionais, frutos dos impulsos, das reações às situações dinâmicas do cotidiano, dos movimentos realizados para conquistar posições, ou pelo menos visualizá-las, e é em movimento que se participa do

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

jogo (social), movimento que reflete a dialética entre instintos, sentidos e as posições objetivas ocupadas por si próprio e pelos outros que se movimentam no jogo social (BOURDIEU, 1996).

Assim, entendemos ser desnecessário fazer um esforço para distinguir o que seriam, por um lado, as estratégias e pautas organizadas em função das condições objetivas de vida nas comunidades pobres onde moram, que apontam para a conquista de direitos de cidadania e desejos de justiça social universais e, por outro lado, as pautas organizadas em função das forças que constroem ou (re)inventam identidades coletivas que apontam para direitos particulares a grupos sociais distintos.

O reconhecimento exigido nessas comunidades e por esses grupos populares vai além da conquista de direitos básicos da cidadania: saúde, educação, saneamento, moradia, transportes, etc. Trata-se do reconhecimento de sua dignidade, do valor do seu ofício, do seu saber, do seu lugar no mundo, que se opõe à racionalidade do “eu posso”, do “você sabe com quem está falando” que produz comportamentos violentos da parte das classes médias e ricas, levando jovens a incendiar e espancar pessoas pobres porque aprenderam, com os adultos, que uma parte destes é um incômodo à sociedade, são dispensáveis.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª ed. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

**II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS,
SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”**

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

HOGART, Richard. *Utilizações da cultura*: aspectos da vida cultural das classes trabalhadoras. Lisboa: Presença, 1973.

SANTOS, Luiz (org.). *Tratado sob sombra e réstias*. Jaboatão dos Guararapes, PE: Fundação Yapoatan, 2006.